

Felipe Camarão

O bairro com nome de herói precisa lutar muito para conquistar melhores dias

PAULO AUGUSTO

O bairro que leva o nome do guerreiro Poti — cujas láureas por seus feitos heróicos terminariam por servir de denominação gentílica de todos os nascidos no Rio Grande do Norte —, tendo sido cooptado para auxiliar os portugueses nas lutas contra os invasores franceses e holandeses e recebendo, através do batismo católico, o nome de Antônio Felipe Camarão, só poderia sofrer os reveses do virtual abandono dos poderes públicos, como se constata numa simples visita pelo seu território.

Ali, todos os serviços que constituem uma verdadeira qualidade de vida — seja em se tratando dos equipamentos comunitários, seja na segurança, educação, saúde, saneamento básico, iluminação pública, limpeza urbana e domiciliar, além do próprio lazer da comunidade — são oferecidos pela metade, quando não, simplesmente inexitem, e não por ausência de reclamações permanentes e reivindicações oriundas de seus representantes oficiais.

Nascido como “Peixe Boi”, em razão do aparecimento de um desses mamíferos nas margens do rio Potengi, a localidade, que surgiria depois do desenvolvimento da comunidade denominada KM-6, há cerca de 15 anos, se distribui, hoje, por uma área de 663,40ha., com uma população de 36.974 habitantes, segundo dados do último censo. O bairro, que conta com as localidades de Peixe Boi, KM-6, Baixa do Saguim e Barreiros, limita-se, ao Norte, com o Bom Pastor, ao Sul, com Guarapes, a Leste, com a Cidade da Esperança e Cidade Nova, e a Oeste, com o município de São Gonçalo do Amarante.

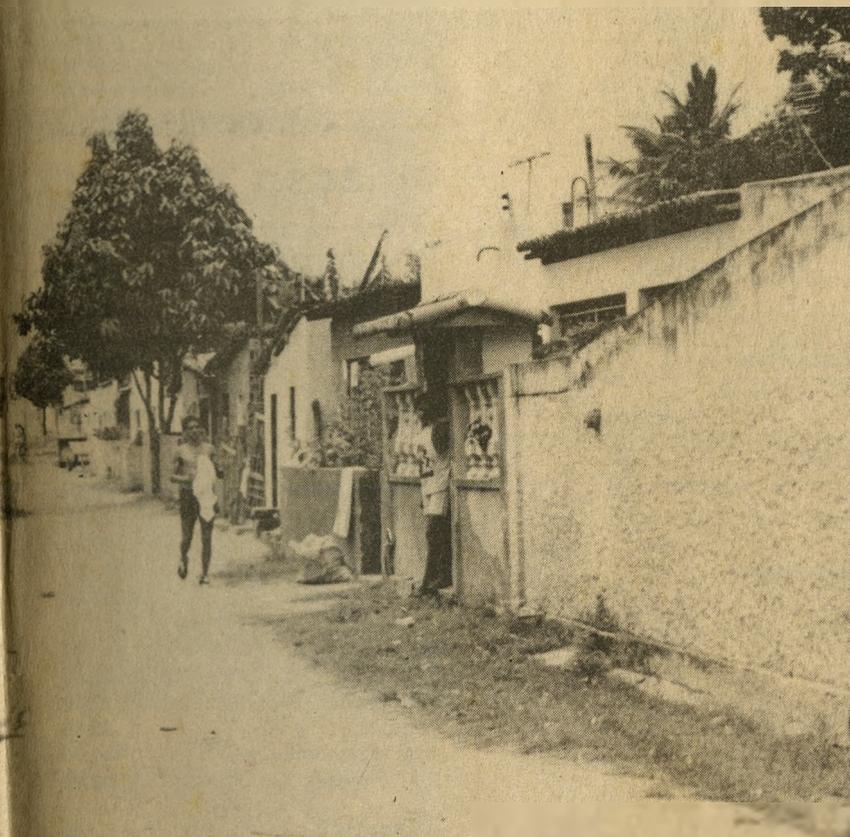
Por abrigar uma população predominantemente de baixa renda, verifica-se no setor a existência de 129 vilas e, pelo menos,



pública deficiente e um expressivo número de terrenos baldios, tomados pelo mato, além das encostas das dunas circundam o setor, que terminam por servir de abrigo para o contingente de desocupados da sua população masculina.

Para contornar o problema, o próprio Conselho Comunitário alugou um imóvel, pago com os recursos oriundos de seus associados, onde, após inúmeras solicitações, trabalham dois policiais destacados pelo comando da Polícia Militar. Apesar do plantão dado ali, no período de 24 horas, o trabalho desenvolvido por duplas de policiais não tem neutralizado o problema, segundo

subdelegacia daqui foi desativada. Hoje, dependemos da 8ª DP, da Cidade da Esperança. O governo, se não tem condições de construir uma delegacia, que colocasse mais policiais, pois o importante não é o prédio, — em si, são os policiais na rua. A Patrulha de Bairro passa por aqui, mas nunca se sabe o horário. Tivemos que contar com, no mínimo, seis policiais nessa casa que pagamos. É muito elevado o número de desempregados aqui”, constata, “e essas coisas geram a violência. O pai de família, com dois ou três filhos, não tem como resolver o problema da alimentação da família, termina entrando num sítio, numa casa,



Falta de infra-estrutura e de lazer para as crianças aflige o bairro que leva o nome de um herói da História potiguar

Um fato desses colabora para a insegurança, pois o desocupado não vai procurar ruas claras, vai ficar em áreas escuras. Então, aproveitamos para solicitar à Cosern que venha substituir as lâmpadas, atendendo nossos pedidos que se encontram no setor de manutenção”, reclama Cirilo.

Afora a segurança, Cirilo cita a área da saúde, para demonstrar o pouco caso das autoridades com o setor. O bairro, que conta com um posto de saúde do município, ressentido-se, principalmente da desativação da Unidade Mista da esfera estadual, que oferecia serviços de pronto-socorro, maternidade e atendimento ambulatorial. Há

Professora Maria Queiroz e a Escola Municipal Bernardo Nascimento, esta última sendo ampliada, mas a população na faixa escolar não dispõe do 2º. Grau. O setor dispõe também de duas creches, sendo uma estadual e ama do município, funcionando numa casa alugada. Pedidos de novas unidades, segundo Cirilo, já foram encaminhados, a fim de cobrir as necessidades da população infantil.

A limpeza urbana, que ele considera “quase normal”, terá que contar com “um trabalho de educação da comunidade” e, para ele, “isto não se faz a curto nem a médio prazos”. Nesse sentido, um dos problemas que ele

o calçamento não é de boa qualidade”.

Centro Desportivo sob intervenção

Com o Centro Desportivo do bairro sob intervenção da Fenat, tendo sido anuladas as últimas eleições, e com a depreciação da quadra de esportes situada na entrada do setor, em plena Curva da Morte, os 10 clubes de futebol de poeira existentes na área aguardam a liberação de um terreno comprado pela Prefeitura à empresa de Transportes N.S. da Conceição, cuja administração fica entre as ruas Maristela Alves e Mirassol. Na semana passada, Cirilo foi informado que o município havia comprado 7 mil dos 14 mil metros quadrados da área da Conceição, hoje murado e repleto de árvores frutíferas, para que ali seja construído o campo de futebol. Noventa milhões de cruzeiros teriam sido pagos pela área que terá destinação para o lazer, com a retirada dos cajueiros, coqueiros e mangueiras ali existentes.

No final da rua Mirassol a comunidade identifica “outro problema”, representado por uma vaquejada, realizada nos finais de semana, e que tem trazido desassossego para o bairro. Ali, sempre que há o espetáculo, atraindo aficionados do interior, os conflitos têm sido uma constante, contribuindo para a insegurança dos moradores da área.

No Iplanat, as sugestões e propostas encaminhadas pelos moradores para integrarem o próximo Plano Diretor apontam para a criação do esgoto condominial, remoção do lixo através de carroças, preservação dos mananciais, instalação de cercas para preservação das dunas e criação de uma usina de tratamento de esgoto. Além disso, solicitam urbanização dos terrenos destinados à áreas verdes,

seis favelas, registradas pelo Instituto de Planejamento Urbano de Natal (Iplanat), com as denominações de Maré, Torre, Alta Tensão, Alemão, Baixinhos e Promorar. Levando em conta o perfil de sua população, imersa, em sua maioria, nos conflitos de um mercado de trabalho arreado e inconsistente, graças aos altos e baixos da recessão econômica, apresenta o bairro graves problemas de segurança, apresentando altos índices de ocorrências policiais.

Para tanto, concorre a ausência no setor de uma Delegacia de Polícia, aparecendo como uma das primeiras de uma longa lista de reivindicações do setor, agravada pela iluminação

informa o atual presidente do conselho, Francisco Cirilo da Silva, residente há 11 anos no bairro, e em sua primeira gestão à frente da entidade.

“Hoje está em moda assaltar”

“Nós temos esse problema, mas não é só em Felipe Camarão, mas também Natal e até no Brasil, de maneira geral”, analisa Francisco Cirilo. “E com Felipe Camarão não podia ser diferente; a realidade não é esta. Posso dizer que de dois anos para cá não sei de nenhum homicídio, mas que existe muito esse negócio de roubo, assalto, arrombamentos, como em outras comunidades. Queremos que a comunidade, que se desenvolver muito, tenha um distrito policial, já que a

para arrombar, para assaltar. Eles procuram um meio e, se hoje está na moda assaltar, eles fazem isto, tranquilo e calmo”.

Francisco Cirilo aponta a deficiência da iluminação pública como um fator a mais para o aumento da violência. As solicitações à Cosern para substituição de lâmpadas quebradas ou queimadas e instalação de posteação são constantes, mas sem resultado.

“Por sinal, Felipe Camarão cresceu muito e, hoje, temos um outro Felipe Camarão aqui praticamente às escuras, com ligações clandestinas. A região do Promorar Morada Nova, que tem cerca de 500 casas, possui ruas sem qualquer iluminação.

dois anos, segundo ele, a comunidade teve um problema nas instalações elétricas, sendo o bastante para que fosse desativada, deixando a comunidade desassistida.

“Achamos que uma das Unidades Mistas do Estado que tem a melhor estrutura é esta de Felipe Camarão, e o governo não se sensibiliza para que seja reaberta à comunidade. Temos que nos socorrer no Hospital Santa Catarina, do outro lado do rio, ou no Hospital Walfredo Gurgel. O atendimento veio até o final do governo Geraldo Melo, mas infelizmente hoje estamos privados do Pronto-Socorro e da Maternidade, o que é uma lástima”.

Na área da Educação, o bairro dispõe da Escola Estadual

considera “mais sério” refere-se à capinação ao longo das ruas, em sua maioria repletas de mato. Ao lado disto, há o complemento do calçamento de inúmeras ruas, que foram beneficiadas apenas em uma de suas pistas de rolamento, havendo já a necessidade de sua conservação.

“O ideal seria que a prefeitura cumprisse aquilo que prometeu no início de sua gestão, que por onde trafegasse ônibus ela calçaria, e hoje Felipe Camarão não dispõe de um metro sequer de assalto. A Prefeitura está dando prioridade, através da Sumov, àqueles pedaços pequenos, estreitos. Há muitos buracos nas ruas calçadas, que são muito transitadas por ônibus pesados, e

duplicação das ruas Ramalho do Mar e Ranieri Mazille e construção de praças.

Os habitantes do KM-6 solicitam preservação dos mangues, com proibição às empresas que jogam dejetos, provocando a poluição dos manguezais, realocização das fábricas de ossos e adubos para locais que não causem danos à comunidade, saneamento para as águas servidas da empresa Guanabara. E, ainda, criação de um sistema de plantio em toda a extensão do rio Potengi, implantação de uma empresa de ônibus subsidiada pela Prefeitura e abertura de concorrências para entrada de novas empresas de ônibus na cidade.

A história do índio Poti, depois batizado Antônio Felipe Camarão, e que, uma vez catequizado, passou a colaborar com os portugueses, tanto para servir à causa dos jesuítas, que pretendiam, como efetivamente conseguiram, submeter a índia ao catolicismo, como ao objetivo colonizador de Portugal, suscita, no momento, as discussões mais acaloradas pelo mundo afora, em virtude das comemorações dos 500 anos da chegada do homem branco no continente americano. Para um segmento de estudiosos e pesquisadores, o índio Poti teria sido cooptado pelos portugueses, ou seja, teria passado para o lado do branco colonizador, agindo e comportando-se, a partir de então, como uma espécie de “traidor” do seu próprio povo, dono primitivo das terras então “descobertas”.

Quando se fala do massacre dos índios, recorda-se que, quando não foram vítimas das emboscadas e do poderio das armas de fogo que traziam os portugueses, espanhóis, franceses e holandeses, enfim, o branco europeu, foram por eles dizimados através de doenças venéreas como a sífilis ou a partir dos hábitos e costumes “desregrados” para os padrões indígenas, que os brancos então traziam. São por este prisma que muitos dos estudos atuais e novas interpretações observam a chegada do colonizador e o comportamento que, a partir de então, tiveram as tribos de todo o continente americano. Nos Estados Unidos, por exemplo, chama-se um comportamento “politicamente correto” e uma visão “politicamente correta” a esse tipo de postura, que terminou por imprimir às novas obras da literatura e do cinema uma nova leitura desse pri-



Anderson Lino

Cirilo, do Conselho

meiro contato. Como exemplo, dos mais divulgados nos últimos tempos, cite-se o filme “Dança com Lobos”, do diretor e ator Kevin Costner, e “Cristovão Colombo — a Aventura do Descobrimento”, com direção de John Glen.

Voltando a Poti, ou Felipe Camarão, cujo nome foi homenageado com a denominação do prédio da Prefeitura, pela Lei nº. 359/A, de 1955, basta que se recorra aos historiadores e narradores de sua epopéia, para que seja colocado o “problema”. Antônio da Rocha Fagundes nos conta: “Poti, filho de Potiguassu, senhor desses campos (a capitania do Rio Grande), recebia na frente de cabelos pretos e luzidios como o fruto da jaboticaba, a água santa com que marcaria o início na fé cristã. Poti recebeu o nome de Antônio e sua mulher o de Clara, aos quais ajuntaram o sobrenome Camarão, tradução do primitivo nome por que era ele conhecido quando empunhava o tacape homicida (grifo nosso). Desde então, fiéis aos princípios do catolicismo e aliados dos mais sinceros da causa de Portugal colonizador, os dois heróis tornaram-se mais amigos dos mis-

sionários e mais arrojados auxiliares da catequização”.

O historiador Nestor dos Santos Lima relata: “Do Livro que Dá Razão de Estado do Brasil” consta o mapa em que a aldeia do Camarão é assinalado, em 1612. Morreu em 1648 e não consta nem o termo do seu óbito, nem a idade que ele teria a esse tempo. Mas, em meio dessas dúvidas”, prossegue Nestor Lima que sabe-se que “Batizou-se a 13 de junho de 1612, na capela de São Miguel de Guajerú, sob o nome de Antônio Felipe Camarão, o maior herói da guerra contra os holandeses, reconhecido como tal até pelos próprios adversários, como general Artischofsky que lhe atribuía ‘ter batido o orgulho a um veterano das lutas da Polônia, da Alemanha e da Flandres’.

Acerca de polêmica criada em torno do herói Felipe Camarão, que alguns historiadores afirmam ser de origem pernambucana, volta Nestor dos Santos Lima a informar: “A aldeia de São Miguel, após a expulsão dos jesuítas, em virtude dos decretos pombalinos, de 1758 e 1759, passou a ser, mais tarde, a vila de Extremoz, e foi erigida pelo desembargador Bernardo Coelho da Gama Vasco, em emissão especial de El-Rei, a 3 de maio de 1760”.

“O Poti ou Antônio Felipe Camarão, que foi batizado em São Miguel de Guajerú, a 13 de junho de 1612, casou no dia imediato com Clara, seguiu, em 1614, com Jerônimo de Albuquerque, para a ‘Jornada do Maranhão’, a expulsar os franceses, não é o mesmo capitão dos índios, que se apresentou a Matias de Albuquerque, no Arraial do Bom Jesus, em 1630, para combater os holandeses, porque este nasceu em Seri, cerca de

1601, ou 1602 (data a sua declaração de 1647 de ter ‘46 anos’) e aquele não podia ter, a essa época, a idade alegada pelo depoente em 1647.

“O Poti, chefe da nação potiguar, batizado em 1612, casado no mesmo mês e ano com Clara, tomou os nomes de Antônio por ser o dia 13 de junho, Felipe, por ser o nome de Rei de Castela e de Portugal àquele tempo, e Camarão porque é a tradução do seu nome Índigena-Poti, que foi ao Maranhão, foi a Ibiabapa, no Ceará Grande, visitar com sua tribo o túmulo do Padre Pinto, foi o mesmo que se apresentou ao ‘Arraial do Bom Jesus’, era o mesmo marido de Clara, o pai de Antônio João Camarão, e que nasceu em Seri (ou Ceará Mirim), veio da aldeia de São Miguel, onde conheceu o padre Manoel de Moraes e morreu em Várzea, das febres palustres.

“O mais é balela — diz Nestor Lima —, porque é ridículo admitir que um tivesse adotado, em 1612, um prenome e nome já usado por outro nascido em 1601 ou 1602 sem que pudesse explicar a coincidência dos nomes completos, entre dois índios; um nascido no Rio Grande do Norte, outro em Pernambuco, ambos com o mesmo nome, sem que fossem parentes entre si, ou ascendente e descendente para a igualdade dos nomes adotados. Assim, se desvanece e se destrói a pretensão de outra naturalidade do Camarão, que é um bom legítimo norte-rio-grandense”.

João Alves de Melo, da Associação Brasileira de Imprensa, no livro “Natureza e História do RN — Primeiro Tomo (1501-1889)” assinalada: “A sua (de Poti) maior curiosidade no aspecto histórico é a que consiste



Fotos Anderson Lino



Bairro se ressentido da falta de transportes e segurança

em saber se Igapó é o berço do célebre guerreiro, que se sagrou imortal nas lutas da reação nativa contra o batavo invasor (1630-1654), ou se era simplesmente a sua residência ou sua taba de moradia. Porto Seguro atribuía a Camarão a idade de 18 anos ao tempo da conquista do Rio Grande, de onde 1580 ser a data provável de seu nascimento. Quando Jerônimo de Albuquerque conseguiu as pazes com o gentio desta, então recém-fundada capitania, assistiram à cerimônia na Parai-

ba, entre outros, o jovem Camarão e na jornada à Bahia para acabar com a rebelião dos Itapicurus, em 1607, figurava ‘o jovem Camarão, ao depois célebre nas guerras contra os holandeses’, na opinião do mesmo Porto Seguro”. Barros Vidal escreve: Felipe Camarão, pelos seus feitos, sobrepujou os preconceitos da época, conseguindo ele, um índio, altas honrarias, como a graça de usar “Dom” e a mercê de cavaleiro de hábito de Cristo”.